

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Leandro Vilar Oliveira

A INSURREIÇÃO PARAIBANA CONTRA
OS HOLANDESES (1645-1647): UMA
SÍNTESE HISTÓRICA

OLIVEIRA, Leandro Vilar
A INSURREIÇÃO PARAIBANA CONTRA OS HOLANDESES
(1645-1647): UMA SÍNTESE HISTÓRICA
R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 182(486): 15-42, mai./ago. 2021

Rio de Janeiro
mai./ago. 2021

I – ARTIGOS E ENSAIOS ARTICLES AND ESSAYS

A INSURREIÇÃO PARAIBANA CONTRA OS HOLANDESES (1645-1647): UMA SÍNTESE HISTÓRICA

THE UPRISING IN THE CAPTAINCY OF PARAIBA AGAINST THE DUTCH (1645-1647): A HISTORICAL SYNTHESIS

LEANDRO VILAR OLIVEIRA¹

Resumo:

Na historiografia sobre o Brasil holandês, o período da Insurreição Pernambucana ou Guerra de Restauração (1645-1654) é tema extensamente trabalhado desde o século XIX, possuindo várias fontes primárias a respeito. No entanto, essa guerra de restauração procurou expulsar a Companhia das Índias Ocidentais (WIC) do Brasil. Neste artigo analisamos fontes do Séiscentos, cruzando informações, datas, nomes, lugares, acrescentando comentários, análises e notas aos relatos daqueles cronistas, no intuito de construir uma síntese histórica de como ocorreu a Insurreição Paraibana, que consistiu num conjunto de ações, conflitos, batalhas e massacres ocorridos ao longo de três anos na Capitania da Paraíba, em que nomes importantes da restauração, como André Vidal de Negreiros e Felipe Camarão, comandaram tropas contra a WIC, e por sua vez, servindo aos holandeses esteve Pedro Poti, outra figura significativa da época.

Palavras-chave: Capitania da Paraíba; Brasil holandês; Guerras luso-holandesas; Vidal de Negreiros; Felipe Camarão; Pedro Poti.

Abstract:

In the historiography of the so-called Dutch Brazil, the period dealing with the uprising in the Captaincy of Pernambuco, also known as Restoration War (1645-1654), has been extensively studied by historians since the 19th century, and a number of primary sources about it are available. However, this Restoration War also sought to expel the Dutch West Indian Trading Company (WIC) from Brazil. In the article, we analyze sources from the 17th century, crossing information, dates, names, and places, while adding comments, analyses and notes on reports written by the chroniclers at the time. Our aim is to construct a historical overview of how the uprising in the Captaincy of Paraíba happened and show the actions, conflicts, battles and massacres that took place there over three years. We point out that important members of the Restoration such as Andre Vidal de Negreiros and Felipe Camarao took part in it, commanding troops against the WIC, while Pedro Poti, another significant name at the time, sided with the Dutch.

Keywords: Captaincy of Paraíba; Dutch Brazil; Dutch-Portuguese War; Vidal de Negreiros; Felipe Camarao; Pedro Poti.

1 – Doutor em Ciências das Religiões (UFPB), Mestre em História e Cultura Histórica (UFPB), membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). E-mail: vilar-leandro@hotmail.com.

Introdução

O historiador italiano Carlo Ginzburg certa vez escreveu que o ofício do historiador era comparado ao trabalho do detetive, o que ele chamou de paradigma indiciário², onde ambas as profissões deveriam solucionar problemas, coletando evidências, analisando provas, questionando fatos, depoimentos e discursos. E dessa forma construindo uma cadeia de raciocínio em que cada peça desse quebra-cabeça fosse gradativamente encaixada de forma correta, para assim revelar o caso, ou no contexto do historiador, proporcionar novas formas de interpretar e compreender acontecimentos históricos.

Para a presente pesquisa, tivemos que realizar um “exercício detetivesco”; apesar de muito ter sido escrito acerca da Insurreição Pernambucana e da Guerra de Restauração (1645-1654), desde o século XIX, pouquíssimo foi escrito sobre a Insurreição Paraibana, nomenclatura que adotamos para nos referir às ações dos insurretos ocorridas especificamente em território da então Capitania da Paraíba, que no primeiro quinquênio do século XVII compreendia um dos domínios sob jurisdição da Companhia das Índias Ocidentais (*West Indische Compagnie* – WIC), a qual estava a serviço dos Países Baixos, mais comumente chamado de Holanda.

No caso, a proposta deste artigo foi realizar uma síntese histórica apresentando os principais acontecimentos que se conhece sobre a insurreição na Paraíba, explicando como os insurretos agiram naquela capitania, quais medidas foram tomadas por eles e pelo governo holandês, os conflitos ocorridos, os principais chefes militares envolvidos como André Vidal de Negreiros, Felipe Camarão e Pedro Poti, os quais estiveram presentes em batalhas ocorridas em território paraibano. Além disso, o artigo também esclareceu alguns equívocos identificados nos relatos das fontes, como também apresentou a importância de se defender a Paraíba, prin-

2 – Sobre o paradigma indiciário conferir o capítulo 1 de GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. Morfologia e história. Tradução de Federico Carloti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

principalmente a zona da várzea, região que concentrava a maior parte dos engenhos dessa capitania.

Para realizar essa pesquisa recorreremos a fontes do século XVII, principalmente às seguintes obras: o *Valeroso Lucideno* (1648) de frei Manoel Calado, o *Castrioto Lusitano* (1679) de frei Rafael de Jesus, e fontes estrangeiras como *História das últimas lutas no Brasil entre portugueses e holandeses* (1651) do secretário Pierre Moreau e o livro *Memorável viagem marítima e terrestre pelo Brasil* (1682) do explorador Johan Nieuhof. Das obras citadas, a de Nieuhof é que melhor fornece uma perspectiva cronológica, pois ele relatou os acontecimentos com as datas que ocorreram ou com a data da documentação enviada a respeito. Já Calado, Jesus e Moreau não citaram datas na maior parte das vezes, o que dificultou situar cronologicamente tais acontecimentos, embora Jesus tenha fornecido muitas informações a respeito da Insurreição Paraibana.

Por outro lado, deixamos de fora obras como o *Sucesso da guerra dos portugueses levantados em Pernambuco contra os holandeses* (1646), o *Diário de Matheus von Broeck* (1647), o *História dos feitos recentemente praticados em oito anos no Brasil* (1647) de Gaspar Barléus e o *Diário de Henrich Haecxs* (1645-1654), por não conterem informações referentes à Paraíba a respeito da guerra de restauração. Também consultamos o Arquivo Histórico do Conselho Ultramarino, para os anos de 1645 e 1650, mas nenhum dos documentos disponíveis tratavam da insurreição, consistindo em petições para assuntos privados. Além disso, optamos também em não usar fontes referentes à década de 1650, para não fugir da proposta do artigo que foi apresentar os anos iniciais da Insurreição Paraibana.

Além dessas fontes primárias, também consultamos clássicos da historiografia do Brasil holandês, a fim de averiguar se haveria conteúdo referente ao tema abordado nessa pesquisa, mas o resultado foi insatisfatório. Os livros de Varnhagen, Netscher, Boxer e Cabral de Mello, focam a Insurreição Pernambucana³. No entanto, a ausência de dados sobre

3 – *História das lutas dos holandeses no Brasil* (1871) de Francisco Adolfo de Varnha-

a Insurreição Paraibana também não foi diferente na historiografia da Paraíba, em que pesa a problemática de haver poucas publicações dedicadas a analisar o período de dominação holandesa naquela capitania. A maioria são artigos que abordam temas específicos, e os livros sobre história da Paraíba dedicam pouquíssimas páginas ao assunto⁴.

Diante disso, realizando uma metodologia indiciária, tivemos que pincelar entre as fontes supracitadas as informações referentes à Capitania da Paraíba, a qual ao lado do Rio Grande, Sergipe del Rey e Ceará aparecem de forma esparsa, já que os autores mencionados, focaram em relatar principalmente os fatos ocorridos em território pernambucano, devido a eles estarem ali situados e por outros fatores de ordem política.

Dessa forma, este artigo teve como finalidade tratar deste tema pouco analisado pela historiografia paraibana e pela historiografia geral sobre o Brasil holandês, abrindo caminho para outros estudiosos, à medida que apresentamos fontes de pesquisa, datas e acontecimentos. Informações que podem ser utilizadas para novos estudos. Com isso, o artigo foi dividido em três seções, em que cada uma corresponde a um dos anos delimitados no recorte temporal citado no título.

1645: o início da insurreição

A chamada Insurreição Pernambucana, que foi o estopim para as ações de outras insurreições ocorridas nas capitanias sob domínio da WIC, teve início em 15 de maio de 1645, no Engenho São João⁵, onde ocorreu a reunião promovida por João Fernandes Vieira (c. 1610-1681) e outros líderes insurretos, os quais, motivados pelo governador-geral do

gen, *Os holandeses no Brasil* (1942) de P. M. Netscher, *Os holandeses no Brasil: 1624-1654* (1961) de Charles Boxer, *O Brasil holandês* (2010) de Evaldo Cabral de Mello.

4 – Sobre uma breve apreciação da escassez de estudos sobre a Paraíba no período holandês, consultar a introdução em OLIVEIRA, Leandro Vilar. *Guerras luso-holandesas na Capitania da Paraíba (1631-1634): um estudo documental e historiográfico*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016, p. 17-19.

5 – Anteriormente chamado de Engenho Nossa Senhora do Rosário, foi comprado em 1642 por Vieira e renomeado para São João. Fazia fronteira com o Engenho São Jerônimo de Luís Brás Bezerra, um dos líderes insurretos. Ambos ficavam situados na várzea do Capibaribe, no atual território de Recife.

Brasil, Antônio Teles da Silva (g. 1642-1647), o rei D. João IV (r. 1640-1656) e, por motivos pessoais de cada um dos líderes, decidiram iniciar a luta armada para libertar as capitanias brasileiras do jugo dos holandeses.

Essa insurreição foi postergada por alguns anos devido aos problemas envolvendo a Restauração Portuguesa (1640), a qual pôs fim a sessenta anos de dominação espanhola sobre Portugal e suas colônias, no período nomeado de União Ibérica (1580-1640). Dessa forma, enquanto o novo rei português, D. João IV, lutava para formalizar a restauração, ele sofria pressões políticas não apenas dos espanhóis, mas dos próprios portugueses, que cobravam do novo monarca alguma medida para combater a WIC, que expandia seus domínios na colônia do Brasil. Uma das propostas era de se enviar uma nova frota para combater os holandeses, já que a armada do Conde da Torre havia falhado em 1640 para esse intento. No entanto, o país estava com dívidas e militarmente enfraquecido e desmoralizado.

Em resposta, D. João IV concordou com o embaixador Tristão de Mendonça Furtado, em aceitar o Tratado de Haia (1641), acordo que se mostrou mais vantajoso para o lado holandês, ainda mais pela condição de que naquele ano, as capitanias de Sergipe e do Maranhão foram conquistadas, além de que tropas da WIC capturaram Angola, as ilhas de São Tomé e Príncipe, e o Castelo de São Jorge da Mina, na atual Gana. Ou seja, antes que o tratado fosse aprovado, os holandeses obtiveram cinco territórios a mais de Portugal, e com a validação do tratado, ambas as nações se comprometiam com uma trégua em que não iriam atacar um ao outro pelo prazo de dez anos, além de permitir que a WIC mantivesse os territórios subtraídos de Portugal. A adoção dessa trégua não foi bem recebida no reino e na colônia⁶.

Durante os últimos anos do governo de João Maurício de Nassau (g. 1637-1644), esse, por ter contatos importantes em Portugal, conseguiu apaziguar eventuais revoltas na colônia da Nova Holanda, embora

6 – MELLO, Evaldo Cabral de. *O negócio do Brasil*. Portugal, os Países Baixos e o Nordeste (1641-1669). Edição ilustrada. Rio de Janeiro: Capivara, 2015, p. 49-50.

Nassau tenha alertado a WIC que havia mobilizações suspeitas no interior, pois os colonos estavam insatisfeitos com a trégua e viam D. João IV como um monarca inseguro e de pouca credibilidade⁷. Mas, com a saída de Nassau e as denúncias de corrupção e endividamento da Companhia⁸, a WIC em 1644 estava com sérios problemas para conseguir recursos, tropas e navios. E isso gerou uma brecha a ser explorada pelos portugueses, a qual permitiu o início da insurreição.

Apresentada essa breve explanação do contexto que desencadeou a Insurreição Pernambucana em maio de 1645, agora adentraremos propriamente os acontecimentos na Paraíba. Em junho de 1645, o conselheiro Paulus de Linge retornou à Paraíba para seu segundo mandato como governador daquela capitania. Linge substituiu Gijsberth de With (g. 1642-1645), do qual nada se conhece de sua gestão. No caso de Linge, ele foi enviado em caráter emergencial, pois era cotado para outro cargo, mas como estava familiarizado com o governo paraibano, foi indicado⁹.

Johan Nieuhof (1618-1672), o qual esteve a serviço da WIC, em Pernambuco, relatou que no mês de junho, Paulus de Linge foi enviado à Paraíba para conter qualquer foco de rebelião, pois segundo ele, muitos moradores daquela capitania estavam endividados e isso seria um forte pretexto para que eles tentassem expulsar os holandeses, no intuito de não terem suas dívidas cobradas. Dessa forma, Linge foi designado diretor com plenos poderes para agir sobre aquela capitania e até intervir também no Rio Grande se fosse preciso. Nieuhof escreveu que o novo governador foi despachado com 100 soldados e suprimentos para abas-

7 – *Ibidem*, p. 50.

8 – Panfletos como a *Bolsa do Brasil* (1647) e *O machadão do Brasil* (1647), circulavam na Holanda naquele tempo, denunciando corrupção, desvio de mercadorias, propina, abuso de poder, sonegação de impostos, uso dos cargos para benefício próprio, atraso do pagamento de dívidas, etc. Isso tudo prejudicava ainda mais a reputação da WIC, que já estava comprometida naquele tempo. MELLO, Evaldo Cabral de (Org.). *O Brasil holandês*. São Paulo: Penguin Classics, 2010, p. 331-338.

9 – LINS, Guilherme Gomes da Silveira d'Ávila. *Governantes da Paraíba no Brasil Colonial* (1585-1808). Uma revisão crítica da relação nominal e cronológica. 2. ed. João Pessoa: Edições Fotograf, 2007, p. 65-67.

tecer o Forte Margarida (atual fortaleza de Santa Catarina), o maior que havia na Paraíba¹⁰.

Apesar dessa ordem de se mudar para o forte, Linge optou em ir morar na casa do governador, situada ainda naquele tempo, na Igreja de São Francisco, a qual ficava na cidade de Frederica (atual João Pessoa). Nesse ponto, frei Rafael de Jesus¹¹ informou que após o Dia de Santo Antônio (13 de junho), o governador despachou ordens de prisão para possíveis suspeitos que estavam apoiando Vieira, Negreiros e os outros líderes da Insurreição Pernambucana. A ideia era descobrir os planos dos insurretos na capitania paraibana. Ele também enviou Pedro Poti¹² com sua tropa de indígenas para vasculhar a região da várzea do rio Paraíba (atualmente no município de Santa Rita), onde se localizavam os principais engenhos da capitania (ver Figura 1), a fim de procurar pelos rebeldes¹³.

No ano de 1645, Pedro Poti era um dos principais líderes indígenas aliados aos holandeses, responsável pela Capitania da Paraíba, estando ao lado de Antônio Paraupaba no Rio Grande, e Domingos Fernandes

10 – NIEUHOFF, Johan. *Memorável viagem marítima e terrestre pelo Brasil*. Tradução de Moacir N. Vasconcelos, introdução, revisão e notas de José Honório Rodrigues. São Paulo: Livraria Martins, 1942, p. 113.

11 – O frei beneditino Rafael de Jesus (1614-1693), que foi cronista-mor de Portugal, título concedido em 1681, nunca visitou o Brasil, tampouco foi testemunha direta dos acontecimentos nas guerras luso-holandesas de 1630 a 1654, tendo escrito *O Castrioto Lusitano* com base em outros cronistas, condição essa que historiadores como Varnhagen, Boxer e Gonsalves de Mello consideraram seu trabalho pouco original e com alguns problemas. Apesar disso, utilizamos seu livro, pois ele contém informações ímpares sobre a Insurreição Paraibana, algo que nem mesmo foi citado no *Valeroso Lucideno*, obra da qual Jesus fez bastante uso.

12 – Pedro Poti ou Poty (1608-1652), era natural da Paraíba, pertencendo ao povo Potiguar. Em 1625 aceitou ao lado de outros seis indígenas o convite de ir morar na Holanda. Anos depois retornou a serviço da WIC, valendo-se de seu conhecimento sobre a língua nativa, costumes e o território, serviu aos holandeses até ser capturado em 1649, na Segunda Batalha dos Guararapes, ficando preso até sua morte. VAINFAS, Ronaldo (dir.). *Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 476-477.

13 – JESUS, Rafael de. *O Castrioto Lusitano*. Ou história da guerra entre o Brazil e a Hollanda, entre os annos de 1624 e 1654. Paris: J. P. Aillaud, 1844, p. 322. Em seu relato, Jesus tratou Paulus de Linge como um homem dissimulado e cruel, o qual enganou os moradores da Paraíba com falsas promessas de paz, mas pela surdina, enviava seus homens para roubar, ferir e matar.

Carapeba em Goiana e Itamaracá. Poti também era responsável pela Aldeia Masurepe (Jacuípe)¹⁴, a qual foi palco de alguns conflitos. A presença de Pedro Poti na Insurreição Paraibana foi recorrente, havendo inclusive confronto contra seu parente, Felipe Camarão¹⁵.

Outro cronista que fizemos uso para essa pesquisa, foi o francês Pierre Moreau, o qual esteve a serviço como secretário do conselheiro Matheus van Goch, entre os anos de 1645 e 1648, e que relatou informações sobre uma revolta que ocorreria no Dia de São João (24 de junho), foram descobertas. Na ocasião, Moreau escreveu que a ideia era iniciar uma série de revoltas na Paraíba e Rio Grande durante os festejos juninos, surpreendendo os holandeses, com o intuito de capturar fazendas e as cidades. Entretanto, a revolta nunca ocorreu¹⁶. Condição essa que Nieuhof comentou que o governador Linge encaminhou uma carta ao Alto Conselho em Recife, datada do dia 25 de junho, informando que os portugueses da Paraíba não apresentavam sinais de terem aderido à insurreição que ocorria em terras pernambucanas¹⁷.

No dia 12 de julho, Paulus de Linge enviou nova carta ao Alto Conselho informando que não havia ameaças dos insurretos na Paraíba, no entanto, ele recebeu muitas queixas dos moradores reclamando de que indígenas estavam a atacar fazendas e engenhos para roubar. Em resposta, o conselho solicitou que o governador tivesse cautela com isso, para evitar mais pretextos para uma insurreição. Ao mesmo tempo emitiu-se uma breve proclamação comprometendo-se em proteger os moradores da Paraíba desses bandidos, além de alertar que qualquer soldado ou fun-

14 – MELLO, José Antonio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, p. 221, 227.

15 – No ano de 1645 os dois indígenas trocaram cartas tentando convencer um ao outro de debandar de seus lados. Essa correspondência ficou conhecida como “Cartas Tupis” e foram publicadas em SOUTO MAIOR, Pedro Souto. *Fastos Pernambucanos*. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro* (R.IHGB), t. 75, v. 125, p. 260-504, 1912.

16 – MOREAU, Pierre. *História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1979, p. 42-43.

17 – NIEUHOF, Johan, *op. cit.*, p. 126.

cionário a serviço da companhia, se fosse pego cometendo algum desses crimes, seria punido com castigos corporais¹⁸.

A situação na Paraíba somente ficou tensa após o Massacre do Cunhaú (16 de julho), ocorrido na Capitania do Rio Grande, promovido pelo capitão Jacob Rabbi¹⁹. Mas como as terras do Engenho Cunhaú ficavam próximas da fronteira com a Paraíba, a notícia rapidamente chegou naquela capitania, levando a preocupação de que os portugueses decidissem pegar em armas e se rebelassem.

O massacre foi cometido pelos holandeses e seus aliados indígenas, os quais mataram quase quarenta pessoas, levando à retaliação de algumas tribos locais. Com isso, Paulus de Linge foi ordenado pelo Alto Conselho a intervir para evitar que o ato de vingança pudesse se espalhar. Segundo o frei Jesus, Linge seguiu no comando de uma pequena tropa de soldados para visitar a região, e isso teria ocorrido ainda em fins de julho²⁰.

Nieuhof relatou que o Alto Conselho nesse período enviou um funcionário do Tribunal de Justiça (ele não citou o nome do mesmo) para fiscalizar os fortes paraibanos e navios, realizar busca e apreensão de suspeitos, julgar criminosos, descobrir informações sobre os rebeldes e fazer que a população paraibana reafirmasse seu voto de lealdade à Companhia²¹. O autor não forneceu mais detalhes dessa missão.

Observa-se por tais relatos que os meses de junho e julho na Paraíba não foram marcados por incidentes graves, apenas ações pontuais de pequenos grupos que assaltavam fazendas, realizavam brigas e eventuais assassinatos. Mas com a chegada de agosto a tensão aumentou em Pernambuco devido à vitória portuguesa nas batalhas das Tabocas (3 de agosto) e de Casa Forte (17 de agosto). E a notícia da vitória nas Tabocas chegou às demais capitanias ocupadas em poucos dias.

18 – *Ibidem*, p. 153.

19 – MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Os holandeses na Capitania do Rio Grande*. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do RN, 1998, p. 105-106.

20 – JESUS, Rafael de, *op. cit.*, p. 324.

21 – NIEUHOFF, Johan, *op. cit.*, p. 155-156.

Diante disso, nos dias 18 e 19 de agosto, o governador Paulus de Linge enviou duas cartas ao Recife, informando que Willem Barentsz e Roulox Baro²² haviam organizado uma tropa de tapuias²³ para auxiliar na defesa da capitania. Além disso, o governador reiterava que naquele momento não havia problemas com os rebeldes, exceto um ataque ocorrido à fazenda de Peter Farchason²⁴, que teve seu gado roubado, e o assassinato de 12 a 14 camponeses. No entanto, as cartas enviadas nos dias 18 e 19 demoraram a chegar ao Recife, fato esse que no dia 22, Linge enviou nova missiva, dessa vez informando que a notícia de Casa Forte já circulava na Paraíba, e isso o tomou de preocupação. Sobre isso, o governador escreveu a possibilidade de remover a guarnição de Frederica e sua população de portugueses leais, holandeses e outros estrangeiros, enviando-a para os fortes na barra do rio Paraíba. Linge completou sua carta, informando que dispunha de 400 soldados, 100 milicianos e 50 indígenas²⁵.

A ideia de Linge de remover a guarnição e parte da população da cidade de Frederica realmente se concretizou, como informou Rafael de Jesus²⁶, embora ele não tenha citado uma data para isso, mas, segundo Nieuhof²⁷, a decisão teria sido tomada em 25 de agosto, devido à condição da cidade de Frederica (Frederikstadt) não possuir proteção adequada, já que não dispunha de muros ou fortificações no local.

22 – Pouco se conhece da vida de Roulox Baro, mas ele teria chegado ao Brasil em 1617, ainda criança. Aprendendo idiomas nativos, o português e os costumes coloniais. Com a invasão da WIC, Baro aliou-se à Companhia, atuando como emissário dela entre as tribos do Rio Grande Norte. Alguns dos seus escritos foram publicados com o título de *Viagem ao país dos Tapuias* (1651), tendo sido traduzido do flamengo para o francês por Pierre Moreau. ALBUQUERQUE, James Emanuel de. *Roulox Baro e o “país dos tapuais”*. Representações acerca do gentio no Brasil do século XVII. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006, p. 17-20.

23 – Os holandeses se referiam aos indígenas por dois termos genéricos: brasileiros e tapuias. A palavra tapuia já era usada pelos portugueses para se referir a tribos do Nordeste brasileiro, geralmente hostis e que viviam no interior. Os holandeses absorveram esse conceito, embora geralmente se referissem aos tapuias como sendo indígenas provenientes do Rio Grande do Norte. POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003, p. 228.

24 – O documento não informa onde essa fazenda estaria situada.

25 – NIEUHOF, Johan, *op. cit.*, p. 216.

26 – JESUS, Rafael de, *op. cit.*, p. 325.

27 – NIEUHOF, Johan, *op. cit.*, p. 220.

Com a decisão de Linge em evacuar Frederica e entregar o restante da população à própria sorte, os insurretos da Paraíba decidiram agir. No dia 1 de setembro, foi formada base rebelde próxima ao rio Tibiri (atualmente em Santa Rita, ver Figura 1), em que Lopo Curado Garro²⁸, Jerônimo Cadena²⁹ e Francisco Gomes Muniz³⁰ tomaram a responsabilidade para liderar a insurreição em terras paraibanas. No auxílio da pequena tropa que se formava, veio de Pernambuco, Antônio Curado Vidal, trazendo em torno de 200 homens³¹.

Frei Rafael de Jesus comentou que naquela ocasião foram nomeados capitães da força rebelde os senhores Antônio Rodrigues Vidal (sobrinho de Vidal de Negreiros), Simão Soares, Cosme da Rocha³², Francisco Leitão e o Capitão Conto, responsável por uma pequena tropa de indígenas a serviço de Felipe Camarão, que no momento ainda estava em Pernambuco. Depois foi enviado o capitão Henrique de Mendonça responsável por uma tropa de negros³³.

O frei prosseguiu seu relato, escrevendo que no dia 2 de setembro, marcou a declaração da Insurreição Paraibana, tendo nas pessoas

28 – Lopo Curado Garro é lembrado pelo relato que denunciava os holandeses pelos massacres realizados no Rio Grande, em 1645. No caso do massacre do Cunhaú, seu relato foi publicado no livro *O Valeroso Lucideno* de Manuel Calado. Garro era cunhado de André Vidal de Negreiros e pai de Antônio Curado Vidal. FONSECA, Antonio José Victoriano Borges da. *Nobiliarchia Pernambucana*, vol. II. In: *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, volume XLVIII, 1926, Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional, p. 105-106, 1935.

29 – Jerônimo Cadena de Villasanti era senhor do Engenho Cadena, na Paraíba e veterano de guerra. Em 1645 ele devia 215.724 florins a WIC e outros credores, além de ter sido indiciado por tentar subornar autoridades no Recife. MELLO, Evaldo Cabral de. *O bagaço da cana*. São Paulo: Penguin Classics, 2012, p. 160.

30 – Francisco Gomes Muniz atuou como Provedor Real da Fazenda na Paraíba. *Documentos Históricos*, 1625-1631: Patentes, Provisões e Alvarás, Vol. 15, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Monroe, 1930, p. 227. Se desconhece outras profissões seguintes.

31 – GARCIA, Rodolfo (Org.). *Obras do Barão do Rio Branco* – VI: Efemérides brasileiras. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 492.

32 – Simão Soares e Cosme da Rocha comandaram tropas em 1634, durante a guerra contra os holandeses, a qual resultou na conquista da Paraíba. OLIVEIRA, Leandro Vilar, *op. cit.*, p. 138 e 191.

33 – JESUS, Rafael de, *op. cit.*, p. 329.

de Garro, Cadena e Muniz um triunvirato insurreto, o qual deu início às ações armadas para tentar recuperar o controle da capitania. Sobre isso, ele escreveu em tom animado:

Foi cousa maravilhosa a brevidade com que se convocarão, reunirão e armarão todos os moradores; porque o desejo de cada um assim pegou das armas que tinha prevenidas, que sem tempo se virão as companhias formadas e guarnecidas de espingardas, chuços, espadas, fouces, páos tostados e cutellos de monte. Aqui se vio como o gosto é o melhor mestre. Assim achou a todos disciplinados a ordem, que parecia terem muitos annos de milicia. Já não havia quem visse a cara ao medo; o que antes se notava de desmaiado era o que se inculcava mais destemido: na alegria do rosto se via o alvoroço do coração de todos. Os principaes na estimação o forão no zelo com que chamarão a si os mancebos de melhor arte, tomando os postos de capitães, primeiro da mão do favor que da eleição; cujos nomes se irão particularizando pelo discurso desta história³⁴.

Jesus prosseguiu dizendo que nos dias seguintes continuou-se com o recrutamento de voluntários para compor a tropa de insurreição. Uma convocatória foi espalhada pelos engenhos, fazendas e em Frederica. Nesse período decidiu-se formar uma base num local mais propício e no caso foi escolhido o Engenho Santo André, um dos principais da capitania, sendo movido à água, situado nas margens do rio Paraíba, na região da várzea (Figura 1), e ali ergueram paliçadas e escavaram trincheiras. Rafael de Jesus chamou esse reduto de arraial, comparando-o com o Arraial do Bom Jesus em Pernambuco³⁵. Naquele tempo o engenho pertencia a Jorge Homem Pinto, homem que tinha muito a ganhar caso a WIC fosse banida da colônia, pois ele era um grande devedor da Companhia e de várias outras pessoas³⁶.

34 – *Ibidem*, p. 330. Nieuhof disse que o arraial ficava em um dos engenhos de Pinto, mas não citou o nome.

35 – *Ibidem*, p. 331.

36 – Em 1644, Jorge Homem Pinto que chegou a possuir nove engenhos entre a Paraíba e Pernambuco, devia 372.433 florins para a WIC e outros quarenta credores. Pinto ficou conhecido por ser homem sem palavra, mas astuto em fazer negócios, conseguindo muitos empréstimos. Tornou-se o maior devedor do Brasil holandês, com uma dívida superior a 1,2 milhão de florins. MELLO, Evaldo Cabral de, 2012, p. 48-50.

Dias depois ocorreu a primeira batalha da Insurreição Paraibana. Dessa vez o frei Jesus não informou a data do conflito, mas de acordo com o Barão do Rio Branco, a batalha ocorreu no dia 11 de setembro. Como ela não teve nome, decidimos chamá-la de Batalha do Inobim, devido à localidade em que ocorreu, próxima ao riacho Inobim³⁷, um dos pequenos afluentes do rio Paraíba na zona da várzea.

Neste conflito, Jesus disse que o governador Paulus de Linge enviou Pedro Poti e mais 300 homens, com o intento de conquistar o Arraial de Santo André, os quais subiram o rio Paraíba em barcos até à várzea. Ali a tropa insurreta comandada pelo capitão Francisco Gomez defendeu o arraial, travando batalha numa campina. O frei não forneceu detalhes, somente disse que os portugueses estavam em desvantagem, mas graças a uma chuva, a qual prejudicou os holandeses e suas armas, a batalha foi resolvida com base na espada, forçando a retirada de Poti e sua tropa³⁸.

A pequena vitória conseguida na Batalha do Inobim repercutiu nos dias seguintes, apesar disso, os insurretos sabiam que não tinham condições de sitiar o Forte Margarida e com isso decidiram usar outra tática: o suborno. Para essa missão enviaram o Secretário de Justiça, Fernão Rodrigues de Bulhões, o qual em breve carta redigida a 11 de setembro³⁹, no mesmo dia da batalha, ele informou que no dia 5 de setembro havia se reunido com Garro, Muniz e Manoel de Queiroz Siqueira⁴⁰ para propor o suborno ao governador Linge. Não se sabe quando o suborno ocorreu, mas no dia 16 de setembro, em carta redigida nessa data por Linge, ele informou ao Alto Conselho que havia ficado tão indignado pela ousadia

37 – Também grafado como Inhobim, Obim, Inoby, Nhoubi, entre outros nomes.

38 – JESUS, Rafael de, *op. cit.*, p. 332. De acordo com o Barão do Rio Branco, os holandeses perderam 77 soldados naquela batalha. GARCIA, Rodrigo, *op. cit.*, p. 512.

39 – O teor da carta encontra-se disponível na *Revista do Instituto Archeologico, Historico e Geographico Pernambucano* (RIAHGP), n. 33, p. 50-51, abril de 1888.

40 – Siqueira era dono de um pequeno canavial sem engenho, membro da Câmara paraibana e serviu como capitão durante a guerra de 1634, na qual os holandeses conquistaram a Paraíba. Ele atuou também como representante da Paraíba, Rio Grande, Itamaracá, Igarassu, Pernambuco e Sirinhaém. MELLO, José Antonio Gonsalves de. *João Fernandes Vieira: mestre-de-campo do terço de infantaria de Pernambuco*. Lisboa: CEHA, 2000, p. 263 e 267.

dos insurretos em tentar comprar sua honra e lealdade, que mandou enforcar Bulhões⁴¹.

Após a vitória na Batalha do Inobim e o assassinato do secretário Bulhões, tais fatores motivaram a adesão de mais membros à insurreição. No entanto, os cronistas não relataram nada de significativo de meados de setembro até final de outubro, entretanto, o relatório anônimo intitulado *Diário ou Breve Discurso acerca da Rebelião e dos pérfidos desígnios dos portugueses do Brasil* (1648), nos fornece algumas informações sobre a insurreição.

O autor relatou que no dia 19 de outubro chegou a notícia que na Vila de Goiânia faleceu Antônio Cavalcanti, um dos líderes rebeldes na Paraíba, embora seu nome não seja citado pelos cronistas anteriores. Além disso, o diário informou que no dia 22 uma tropa foi enviada de Pernambuco para a Paraíba, a fim de atacar um reduto português erguido no engenho de Jongneel⁴², informação que não é citada por Calado, Jesus, Moreau e Nieuhof. Inclusive nem se sabe se tal ataque realmente ocorreu⁴³. Em novembro temos a notícia da chegada de André Vidal de Negreiros e Felipe Camarão à Paraíba, e a ocorrência de uma nova batalha.

41 – Rafael de Jesus não informou o valor da quantia, mas disse que o acordo havia sido descoberto e delatado a Linge. O que sugere que antes de Bulhões chegar ao Forte Margarida o governador já estaria ciente da visita dele. Por sua vez, Pierre Moreau disse que o valor do suborno era de 50 mil libras e um cargo real na Capitania da Bahia. Já Nieuhof relatou que o valor era de 15 mil florins.

42 – Em 1637, o comerciante e comissário da WIC, Jan Cornesliz Jongeneel, comprou o Engenho Santo Antônio, renomeando-o para Dussen, em homenagem ao seu tio Adrian van der Dussen, membro do Alto Conselho e autor de dois importantes relatórios na época. Por volta de 1645 abandonou seu engenho, que foi tomado pelos portugueses. Em 1647, Jongeneel residia em Recife. MELLO, Evaldo Cabral de. 2012, p. 162.

43 – *Diário ou Breve Discurso acerca da Rebelião e dos pérfidos desígnios dos portugueses do Brasil*. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico, Geográfico Pernambucano*, vol. V, n. 32, p. 121-225, 1886.



Figura 1: Mapa retratando os engenhos paraibanos⁴⁴ ativos em 1630, além de mostrar suas principais fortificações, a capital Frederica e alguns aldeamentos indígenas. Aproveitamos para inserir o nome de algumas localidades. Fonte: editado a partir do original encontrado em CARVALHO, Juliano Loureiro de. Formação territorial da mata paraibana, 1750-1808. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008, p. 29.

Nieuhof relatou que nos avisos dados por Linge, datados de 1 de novembro, o governador da Paraíba alertava o Alto Conselho de que as forças insurretas estavam crescendo, tendo recebido reforços do Rio Grande e Pernambuco. Ele mencionou também que André Vidal de Negreiros⁴⁵ e

44 – Os engenhos listados são: 3 – Barreiras, 4 – Tibiri de Baixo, 5 – Tibiri de Cima, 6 – Santo André, 7 – São João Batista (ou Cadena), 8 – Reis Magos, 9 – Espírito Santo, 10 – N. Sra. De Guadalupe (ou Massangana), 11 – Santo Antônio (ou Dussen), 12 – Santa Luzia, 13 – Santiago Maior, 14 – São Francisco, 15 – Una, 16 – St. Antônio (novo), 17 – N. Sra. da Ajuda (Eng. Velho), 18 – Inobim, 19 – São Gabriel. E os engenhos Gargaú e Miriri, não numerados. CARVALHO, Juliano Loureiro de, *op. cit.*, p. 29.

45 – André Vidal de Negreiros (c. 1606-1680) era natural da Paraíba, sendo filho de portugueses emigrados. Ingressou como soldado nas guerras luso-holandesas, conquistando em poucos anos reconhecimento, até que se tornou um dos grandes líderes da restauração, comandando várias batalhas. Posteriormente recebeu comendas e se tornou fidalgo. Foi governador do Maranhão, Pernambuco e Angola. Nunca se casou, deixando vários filhos bastardos sendo o mais famoso Matias Vidal de Negreiros. PINTO, Luiz. *Vidal de Negreiros: afirmação e grandeza de uma raça*. São Paulo: Alba, 1960.

Felipe Camarão⁴⁶ estavam presentes na capitania paraibana, tendo levado mais de duzentos homens consigo. E na ocasião Camarão tentou persuadir Poti de trair os holandeses, mas falhou com o intento⁴⁷.

Posteriormente, em carta redigida a 14 de novembro, Paulus de Linge relatou ao Alto Conselho que houve uma batalha, na qual os insurretos contavam com uma tropa de 800 homens; já os holandeses dispunham de 300 soldados e um número não determinado de tapuias. Já Pierre Moreau comentou que houve um conflito próximo à fazenda de Eduardo Gomes da Silva. Porém, segundo o relato de Moreau, a contenda foi de pequena proporção, em que os holandeses perderam apenas um soldado e os portugueses tiveram entre 30 a 40 mortos e recuaram. E entre os mortos estava o próprio Silva⁴⁸.

O problema é que não se sabe se ambos os relatos se referem ao mesmo acontecimento, pois a dúvida surge no tocante que Nieuhof e Moreau dizem que, após essas batalhas, uma tropa de holandeses e tapuias invadiram o engenho de André Dias Figueiredo (chamado Santiago Maior, ver Figura 1) e realizaram um verdadeiro massacre. Moreau não informou data sobre isso, mas Nieuhof disse que ocorreu no Dia de São Martinho (11 de novembro), o que sugere que a batalha que ele citou tenha ocorrido nesse dia ou antes⁴⁹.

Todavia, ambos os autores relataram que muitas pessoas morreram na ocasião, incluindo o padre que rezava a missa e um dos filhos de Figueiredo. Nieuhof comentou pouco sobre o Massacre do Engenho Santiago Maior, mas Moreau disse que pelo menos 80 pessoas entre ho-

46 – Antônio Felipe Camarão (c. 1601-1648) nasceu na capitania do Rio Grande, pertencendo ao povo Potiguar. Foi cristianizado e alfabetizado numa missão jesuítica. Tornou-se um dos heróis da guerra de restauração, passando a comandar sua própria tropa composta por indígenas, chamada de “camarões”, atuando em várias batalhas importantes no Brasil holandês. Diferente de outros indígenas como Pedro Poti, Antônio Paraupaba e Janduí, manteve-se leal à coroa. Recebeu o título de cavaleiro e tornou-se fidalgo, em reconhecimento aos seus serviços militares. VAINFAS, Ronaldo (dir.), *op. cit.*, p. 224-225.

47 – NIEUHOF, Johan, *op. cit.*, p. 231.

48 – *Ibidem*, p. 231. MOREAU, Pierre, *op. cit.*, p. 54. As fontes não informam onde ficaria essa fazenda.

49 – NIEUHOF, Johan, *op. cit.*, p. 231.

mens, mulheres e crianças foram assassinadas. No entanto, a matança não foi maior, pois os invasores se compadeceram pela beleza e lágrimas da filha de Figueiredo, segundo informou Moreau, pois Nieuhof não citou que se tratava da filha dele. No entanto, a mulher que não teve nome revelado, foi levada como prisioneira até Paulus de Linge⁵⁰. Apesar desse massacre, do qual dispomos de poucos dados, Jesus e Calado não mencionaram nada a respeito.

Após essas batalhas sem nome e o massacre no engenho, as semanas se passaram e os cronistas pouco disseram a respeito. Frei Manuel Calado que escreveu laconicamente sobre a Insurreição Paraibana, disse que nesse ínterim, Felipe Camarão reuniu suprimentos e indígenas e marchou para o Rio Grande. Já Vidal de Negreiros havia retornado para Pernambuco⁵¹.

Apesar da ausência dos dois grandes líderes da guerra de restauração, ainda assim, os capitães locais decidiram agir. Nieuhof relatou que em carta datada do dia 30 de novembro, Paulus de Linge informou que um homem negro que desertou, trazia informações do Arraial de Santo André, dizendo que os portugueses estavam construindo duas barcas que caberiam 300 homens e a ideia era atacar a base de Pedro Poti. E que os portugueses dispunham de quinze a dezesseis companhias⁵², embora parte dos homens estivesse doente⁵³. Embora essa informação seja bastante valiosa, Nieuhof e nenhum dos outros cronistas citam onde exatamente seria essa base de Poti. No entanto, a pista de que dispomos é que tal base poderia ser a Aldeia Jacuípe⁵⁴ (ver Figura 1).

50 – *Ibidem*, p. 232. MOREAU, Pierre, *op. cit.*, p. 54-55.

51 – CALADO, Manuel. *O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade*. Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1648, p. 294. Por sua vez, Diogo Lopes Santiago, autor da *História da Guerra de Pernambuco* (1675), repetiu as informações de Calado. De fato, muitas referências sobre o tema, Santiago copiou diretamente do *Valeroso Lucideno*. E como ele não trouxe nada de novo sobre a Insurreição Paraibana, decidimos não o usar como fonte de análise.

52 – Naquele período uma companhia em teoria deveria ter entre 100 a 250 homens. Mas havia casos que contava com menos do que 100. LÓPEZ, Ignacio; LÓPEZ, Iván Notório. *The Spanish Tercios: 1536-1704*. Oxford: Osprey Publishing, 2012, p. 13.

53 – NIEUHOF, Johan, *op. cit.*, p. 234.

54 – A aldeia Jacuípe é conhecida por vários nomes como: Masurupe, Nhãjereba, Mia-rigeriba, Miajerib, Jaknigh, etc. Seu nome devia-se a sua proximidade com o riacho Jacu-

1646: a insurreição cresce

O relato sobre 1645 foi o mais extenso devido ao volume de informações que se dispõe sobre esse ano, nas crônicas do período. Já os anos de 1646 e 1647 possuem menos informações, principalmente 1647, que como será visto no próximo tópico é o mais breve dos três. Pela ausência de menções sobre dezembro de 1645, sustenta-se a hipótese de que o possível ataque à base de Pedro Poti não ocorreu. E novas informações sobre a Insurreição Paraibana foram fornecidas em 6 de janeiro, em que foi informado que o alto conselheiro Pieter Bas, um dos três que formavam o triunvirato que sucedeu a Maurício de Nassau em 1644, foi pessoalmente à Paraíba expedir ordens para Paulus de Linge, transmitindo recomendações sobre as defesas, o comércio, fiscalização dos engenhos e fazendas, e outros assuntos dos quais Nieuhof não detalhou. Após sua visita à Paraíba, Bas seguiu para o Rio Grande, para realizar mesmo propósito⁵⁵.

Em carta escrita por Linge, no dia 10 de janeiro, informou-se que Camarão estava à frente de 500 soldados, e se encontrava no Rio Grande, mas poderia descer para a Paraíba a qualquer momento. Na ocasião ele estava bloqueando o envio de gado e alimento para as posições holandesas no Rio Grande, Paraíba e Pernambuco. Todavia, na carta também se informou que a falta de alimentos afetava também os portugueses. Linge estava apreensivo que um novo levante ocorresse por conta disso⁵⁶.

A preocupação do governador Paulus de Linge foi um problema recorrente nas guerras luso-holandesas no Brasil: o chamado problema da “munição de boca”. Questão que afetou tantos os holandeses quanto os portugueses, pois, na incapacidade de se conseguir provisões vindas da Europa⁵⁷, ambos os exércitos tinham que conseguir alimentos locais

ípe, que nascia no rio Miageriba, em Santa Rita, indo desaguar no rio Soé, em Lucena. A aldeia distava alguns quilômetros do antigo Forte de Santo Antônio, podendo o trajeto a pé ser feito no mesmo dia.

55 – *Ibidem*, p. 234.

56 – *Ibidem*, p. 234.

57 – Não foram apenas os holandeses que tiveram problemas com os alimentos da terra, por várias décadas os portugueses também custaram a se habituar com a mudança da sua dieta diária, fato esse que Cabral de Mello apontou que o porto de Recife recebia vários

como carnes verdes e secas, farinha de mandioca e frutas⁵⁸. Em vários momentos a WIC solicitou suprimentos dos Países Baixos devido à escassez de alimentos⁵⁹.

Em resposta aos problemas de abastecimento na Paraíba e Rio Grande, os quais afetavam também Pernambuco, o Alto Conselho realizou importante reunião no dia 13 de janeiro, que contou com a presença dos altos conselheiros Hendrik Hamel, Adriaen van Bullestrate, o assessor Johannes van Walbeek, o tenente-coronel Joris Gartsman, Raets Vald, Gijsbert de With, Alric Volbergen e o Sr. Lems. Na ocasião debateu-se sobre a realidade da insurreição em todas as capitanias do Brasil holandês e a urgência de evitar que rotas de suprimentos fossem interceptadas pelos rebeldes. Segundo Nieuhof, que relatou o fato, ele limitou-se a apresentar as ações decididas quanto ao Rio Grande, em que foram enviadas algumas tropas para tentar conter Camarão e seus aliados, pois o sertão rio-grandense era conhecido pela criação de gado, e também rota pela qual gado vinha do Ceará e Maranhão⁶⁰.

Quanto à Paraíba, Linge relatou, em carta de 22 de janeiro, que Pedro Poti no comando de 150 homens lutou contra 400 portugueses na Aldeia Jacuípe, ocorrendo uma batalha que causou a morte de vários inimigos. Todavia, sobre a Batalha de Jacuípe, praticamente não se sabe nada a respeito de como esse conflito ocorreu. Excetuando-se Nieuhof, que comentou sobre ela, os demais cronistas como Calado, Jesus e Moreau, não a citaram. Considerando que a aldeia estava sob domínio de Poti, tal conflito teria sido um ato de defesa.

carregamentos de farinha de trigo, vinhos, azeite, bacalhau, queijos, carnes defumadas, etc. MELLO, Evaldo Cabral de. *Um imenso Portugal: história e historiografia*. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 93-94.

58 – MELLO, Evaldo Cabral de. *Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2007, p. 221-256.

59 – O soldado dinamarquês Peter Hansen Hajstrup, que serviu no Brasil entre 1645 e 1654, relatou momentos em que os soldados tiveram que abater cavalos e cães para lhe tirar a carne, além de colher mandiocas e frutos para complementar sua parca ração diária. HAJSTRUP, Peter Hansen. *Viagem ao Brasil (1644-1654)*. Recife: Cepe, 2016, p. 38, 60.

60 – NIEUHOF, Johan, *op. cit.*, p. 234.

Em carta do dia 11 de fevereiro, o governador Paulus de Linge informou ao Alto Conselho que recebeu um escravo desertor, o qual informou que Felipe Camarão havia retornado de suas campanhas no Rio Grande e se estabelecera na região do Mamanguape, ao norte da capitania paraibana. Segundo o governador, Camarão tendo sabido da derrota portuguesa para a tropa de Pedro Poti, planejava um ato de vingança. O Conselho enviou alguns navios para patrulhar a costa paraibana e alertou o conselheiro Pieter Bas, que ainda estava no Rio Grande, a conseguir informações sobre a movimentação da tropa de Camarão. Todavia, nenhum conflito ocorreu pelo restante daquele mês⁶¹. Porém, frei Manuel Calado escreveu que André Vidal de Negreiros voltou a marchar para a Paraíba, no intuito de reunir forças com Camarão e os demais insurretos, entretanto, um judeu delatou a ida de Negreiros, e com isso os holandeses foram alertados sobre a chegada dele na Paraíba⁶².

No mês de março o ataque que era planejado desde meados de fevereiro, finalmente ocorreu. Naquele mês ocorreu pequeno confronto entre as tropas de Vidal de Negreiros e Camarão contra os holandeses. O conflito se deu na área do Varadouro, próximo à cidade Frederica. Recordamos que naquele tempo a cidade havia sido abandonada pelos holandeses, sendo retomada pelos portugueses desde o ano anterior. Com a rápida vitória, a tropa insurreta marchou até a Igreja de Nossa Senhora da Guia (atualmente no município de Lucena), situada sobre um morro. Na ocasião, como informou Calado, uma emboscada foi montada naquela área,

61 – *Ibidem*, p. 237-238.

62 – CALADO, Manuel, *op. cit.*, p. 314-315. O frei disse que a data foi no Dia de São Matias (14 de maio), todavia ele se equivocou, pois, o conflito que ele narrou mais adiante, ocorreu em março. Rafael de Jesus citou essa viagem de Negreiros, mas não informou a data em que ele partiu.

com o intuito de atrair a guarnição do Forte de Santo Antônio⁶³, situado a poucos quilômetros dali⁶⁴.

Devido à proximidade do local da batalha com o morro em que fica ainda situada a igreja, optamos por chamar esse conflito de Batalha da Guia. Calado relatou que uma tropa foi enviada para ficar disparando contra o Forte de Santo Antônio, a fim de atrair os holandeses para fora dele, até a emboscada montada adiante, em meio à mata. Obtendo resultado com a cilada, o frei relatou que os holandeses enviaram homens dos dois fortes, totalizando 220 soldados, sendo 60 holandeses e o restante de indígenas. Um fato curioso é que Manuel Calado disse que entre os tapuias havia uma mulher que era uma “feiticeira” e guerreira, inclusive usava uma espada. Ela é referida em seu livro como “pajé” e “Anhanguera”. O resultado da batalha concedeu a vitória para os portugueses, deixando um saldo de 50 holandeses e 15 indígenas mortos⁶⁵, forçando-os a se retirar para os fortes⁶⁶.

Nieuhof disse que, em carta datada do dia 14 de março, Paulus de Linge relatou que houve uma batalha ao norte do Forte de Santo Antônio, mas ele não entrou em detalhes. Tampouco mencionou a derrota dos holandeses. Porém, a Aldeia Jacuípe que havia sido atacada em janeiro, foi alvo da ação dos portugueses que destruíram plantações de mandioca, comprometendo a alimentação dos indígenas. Assim, Linge solicitava o envio de comida, óleo, vinho e dinheiro⁶⁷.

63 – O Forte de Santo Antônio foi construído em 1631 por ordem do capitão-mor Antonio de Albuquerque Maranhão, para defender a Paraíba contra os holandeses. O forte na época era feito de madeira e terra, possuindo quatro baluartes. Ele foi parcialmente destruído na Batalha da Paraíba (2 a 24 de dezembro de 1634). Diferente do Forte do Cabedelo, que foi renomeado para Forte Margarida, sendo ampliado e melhor fortificado, o Santo Antônio não recebeu tais melhorias. OLIVEIRA, Leandro Vilar, *op. cit.*, p. 105, 131, 159.

64 – CALADO, Manuel, *op. cit.*, p. 322.

65 – No *Diário ou Breve Discurso acerca da Rebelião* é informado sobre essa batalha, embora não relate onde ela teria ocorrido. No entanto, o autor informou que os holandeses foram derrotados, tendo perdido entre 40 e 50 soldados. Valor que se aproxima do fornecido por Calado. *RIAHGP*, *op. cit.*, p. 180.

66 – CALADO, Manuel, *op. cit.*, p. 323-324. Rafael de Jesus e Diogo Lopes Santiago repetiram essa descrição de Calado em seus livros.

67 – NIEUHOF, Johan, *op. cit.*, p. 240-241.

Após a vitória portuguesa na Batalha da Guia, não houve novos conflitos significativos pelos meses seguintes, como apontado pelas fontes pesquisadas. Porém, entre junho e julho, o coronel Sigismund von Schkopp⁶⁸ expediu anistia aos portugueses que se declarassem leais a WIC e passassem para seu lado. Vieira e Negreiros ordenaram que os moradores da Paraíba que eram leais ao rei deixassem suas casas e fazendas, queimassem canaviais, destruíssem engenhos e migrassem para Pernambuco⁶⁹. Pois poderiam sofrer retaliação dos holandeses⁷⁰.

Em setembro, ocorreram novos ataques a fazendas e engenhos na Paraíba, para se saquear comida, destruir plantações e danificar os engenhos ou até destruí-los. Nesse período, seguia ocorrendo a evacuação dos moradores paraibanos para o norte de Pernambuco, algo comentado por João Fernandes de Vieira, em carta datada de 11 de setembro de 1646:

Direi apenas que, com a evacuação das Capitanias da Paraíba e Goiana, as nossas fileiras foram consideravelmente engrossadas e, assim, o povo prefere antes perder seus haveres que suportar por mais tempo as ignomínias que pesaram sobre ele e que constituíram a verdadeira causa da insurreição e não (como se faz crer entre os holandeses) por que não pudesse satisfazer seus credores, pois abandonou mais do que seria necessário para saldar os compromissos⁷¹.

Após esse decreto os cronistas não voltaram a relatar novidades nos meses seguintes até chegar em novembro, quando Rafael de Jesus informou que no dia primeiro daquele mês, André Vidal de Negreiros retornou à Paraíba com a missão de conseguir gado e suprimentos, mas não obteve sucesso; no entanto, ordenou que atos de vandalismo fossem realizados, com direito a se incendiar alguns locais como fazendas e engenhos.

68 – Schkopp (1613-1654) foi um militar e governador de origem nobre, veterano nas guerras luso-holandesas no Brasil, inclusive participou das campanhas de conquista da Paraíba no ano de 1634. OLIVEIRA, Leandro Vilar, *op. cit.*, p. 254-255. Ele retornava ao Brasil por conta da crise que a colônia holandesa vivenciava, tendo tomado decisões para conter o avanço das tropas rebeldes em Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande do Norte.

69 – A ordem de queimar canaviais e engenhos também foi aplicada em Pernambuco e Itamaracá. MELLO, João Gonsalves de. *João Fernandes Vieira, op. cit.*, p. 237-238.

70 – CALADO, Manuel, *op. cit.*, p. 353. JESUS, Rafael de, *op. cit.*, p. 439-440.

71 – NIEUHOFF, Johan, *op. cit.*, p. 263.

Passados alguns dias, Vidal de Negreiros retornou para Pernambuco, levando alguns prisioneiros⁷². Após esse acontecimento, as fontes não voltaram a relatar mais nada sobre a Paraíba para o ano de 1646. E no caso destaca-se que Manuel Calado e Pierre Moreau não apresentaram mais informações sobre a Paraíba para o ano de 1647, sobrando alguns dados esparsos identificados principalmente no livro de Johan Nieuhof, pois nem mesmo Rafael de Jesus forneceu novas informações sobre essa capitania.

1647: últimos relatos identificados sobre a insurreição na Paraíba

Nieuhof escreveu que no dia 8 de janeiro de 1647, o conselheiro Matheus van Goch⁷³, questionou sobre informações a respeito da Paraíba, querendo saber como estavam dispostas as defesas inimigas na capital e no Arraial de Santo André. Nieuhof relatou o seguinte:

Os membros do antigo Conselho responderam que a Cidade Frederica não dispunha de água potável, sendo ela transportada de meio quarto de hora de distância. Nessas condições seu suprimento poderia ser facilmente obstado pelo inimigo. O mesmo poderia acontecer com a passagem que conduzia à margem do rio. Além disso, não existiam fortificações na cidade; as que existiam pertenciam ao mosteiro e não eram de grande monta; também a igreja de Duarte Gomes havia sido fortificada pelo inimigo, durante a guerra. Quanto a Santo André, essa localidade nada mais era que um engenho de açúcar situado na baranca do rio, a quatro horas de viagem da cidade da Paraíba. Disseram ainda que as comunicações entre essa localidade e o forte Santa Margarida poderiam ser facilmente interceptadas pelo inimigo, pois a distância entre a fortaleza e a cidade era de quase 4 horas⁷⁴.

As informações apresentadas por Nieuhof conferem com outros dados sobre a cidade de Frederica, a qual não possuía muros nem fortificações operantes, como comentado anteriormente neste artigo. Quanto a fonte de água que é mencionada, não se sabe exatamente qual seria, pois

72 – JESUS, Rafael de, *op. cit.*, p. 456.

73 – Embora Pierre Moreau tenha sido nessa época secretário de Van Goch, ele nada comentou a respeito.

74 – NIEUHOF, Johan, *op. cit.*, p. 275.

naquele tempo duas fontes ficavam próximas à cidade, sendo a Fonte do Tambiá e a Bica dos Milagres⁷⁵. Mas poderia haver outras que se desconhecem hoje em dia. Já o mosteiro que é citado, trata-se da Igreja de São Francisco, ainda existente e que anteriormente foi utilizada como casa do governador pelos holandeses. A igreja de Duarte Gomes⁷⁶ ainda existe, sendo a Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia, situada no centro da cidade.

No dia 9 de janeiro, o Alto Conselho expediu nova ordem para os moradores da Paraíba, informando que aqueles que fossem leais à Companhia, deveriam deixar suas casas e terras e se reunirem na foz do rio Paraíba, para ficar sob proteção dos fortes e aguardar transporte para o Recife. Entretanto, houve retaliação por parte dos portugueses, ao considerarem que seus compatriotas que aderiram ao chamado da WIC, eram traidores⁷⁷.

Nieuhof relatou que no dia 12 de janeiro chegou aviso da Paraíba, informando que muitos inimigos adentraram aquela capitania e houve um ataque próximo ao Arraial de Santo André, em que 50 holandeses e alguns indígenas aliados foram surpreendidos. Na ocasião ocorreu um massacre em que até as mulheres foram mortas pelos próprios portugueses. Em seguida ele informou que no dia 13 foram emitidas notícias para que os portugueses não aceitassem a anistia concedida pela WIC, pois isso era uma armadilha. Posteriormente, Nieuhof relatou que quatro escravos da

75 – HONOR, André Cabral. *Sociedade e cotidiano: as fontes d'água na formação da cidade de João Pessoa no período colonial*. Monografia em História – Universidade Federal da Paraíba. 2006, p. 45-52.

76 – Duarte Gomes da Silveira (1555-1644) foi um veterano de guerra e senhor de engenho na Paraíba. Chegou a ser preso duas vezes acusado de espionar para os holandeses e depois de espionar para os portugueses. Também teve pendências com a justiça e estava devendo à Companhia, embora no ano de 1647 já tivesse falecido. MELLO, Evaldo Cabral de, 2012, p. 164-165.

77 – Diário ou Breve Discurso acerca da rebelião dos portugueses do Brasil. *RIAHGP*, op. cit., p. 216-217.

fazenda de Isaac de Rasière⁷⁸ chegaram ao Recife e disseram que a tropa insurreta havia deixado a capitania paraibana⁷⁹.

Por fim, o último dado referente à Paraíba no ano de 1647, tratou-se de um pequeno combate naval ocorrido em sua costa. O relato de Nieuhof sobre os acontecimentos históricos da guerra de restauração findaram-se antes desse período. Por sua vez, somente frei Rafael de Jesus foi quem relatou sobre o ocorrido a seguir. O militar Francisco Barreto de Meneses⁸⁰ (1616-1688), que outrora havia participado da Armada do Conde da Torre (1640), foi escolhido pelo rei D. João IV para comandar as tropas insurretas. A bordo de sete navios com um pequeno contingente militar, em parte formado por prisioneiros, além de levar suprimentos, munição e dinheiro, o novo mestre-de-campo-general tinha como destino a Bahia, mas foi interceptado no caminho, no dia 6 de maio. Foi ferido e feito prisioneiro, levado ao Recife, de onde conseguiu escapar no ano seguinte⁸¹.

78 – Foi um rico comerciante de Amsterdã que se mudou para o Brasil para fazer investimentos, permanecendo aqui até 1651, tendo contraído várias dívidas. Na Paraíba, comprou o Engenho Santos Cosme e Damião e o Engenho Gurjaú, renomeado para La Resière. Talvez os escravos possam ter fugido de um destes engenhos ou de outra propriedade. Embora no ano de 1646 ambos os engenhos estivessem desativados, pois parte da população deixara a Paraíba, aceitando a proteção dos insurretos. MELLO, Evaldo Cabral de, 2012, p. 165 e 167.

79 – NIEUHOFF, Johan, *op. cit.*, p. 276-277.

80 – Francisco Barreto de Meneses figura entre os heróis da guerra de restauração, general dos terços insurretos, além de ter assumido o governo de Pernambuco (1654-1657) e o governo-geral do Brasil (1657-1663). VAINFAS, Ronaldo; MOTTA, Márcia. Morgadios coloniais entre a nobilitação e o mercado: trajetória e patrimônio de Francisco Barreto de Menezes, restaurador do Recife. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro: n. 23, p. 123-147, jan-abr. 2020.

81 – BOXER, Charles. *Os holandeses no Brasil: 1624-1654*. Tradução de Olivério M. de Oliveira Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961, p. 257. Charles Boxer relatou que esse incidente com o general Meneses ocorreu em local incerto, a uma distância de 90 milhas da Capitania da Bahia, no entanto, frei Rafael de Jesus diz que a batalha naval aconteceu no sul da costa paraibana, pois os holandeses montaram uma armadilha, aguardando a pequena frota portuguesa. No caso, sublinhamos que Pierre Moreau comentou brevemente sobre essa batalha naval e a prisão de Meneses, mas não informou que ocorreu na costa paraibana, tampouco sugeriu data para isso.

Considerações finais

O livro de Johan Nieuhof encerra seu histórico como dito, ainda no mês de abril de 1647. Quanto ao frei Manuel Calado, também encerrou sua crônica por esse período. Pierre Moreau, por não fazer uso de datas, não se sabe ao certo até quando escreveu, apesar de ter deixado o Brasil em 1648. Já Rafael de Jesus, embora tenha escrito até 1654, os capítulos seguintes de seu livro focam exclusivamente a Insurreição Pernambucana. Diante disso, optamos por encerrar nossa exposição histórica no ano de 1647.

Feito isso, algumas considerações devem ser apresentadas antes do encerramento deste artigo. Primeiro, chamamos atenção para a condição de os líderes da Insurreição Paraibana: Lopo Curado Garro, Jerônimo Cadena e Francisco Gomes Muniz terem pouco destaque nas fontes analisadas. Alguns motivos para isso se devem à condição das fontes holandesas pouco citarem os chefes portugueses, fazendo menção aos mais famosos, já as crônicas de Calado e Jesus, por conterem interesses políticos e panegíricos para João Fernandes Vieira, tendem a destacar mais os líderes que lutaram em Pernambuco, por conta disso, Vieira, Negreiros e Camarões são nomes recorrentes mesmo na Paraíba e Rio Grande do Norte.

E essa condição também cabe a Pedro Poti. Nos livros de Calado e Jesus, o principal chefe militar a serviço da WIC era ele, fato esse que não há menções aos nomes de tenentes, capitães ou comandantes que lutaram pela Companhia. E para não dizer que isso poderia ser falta de informação dos cronistas portugueses, o próprio Nieuhof pouco citou outros nomes envolvidos nas campanhas para combater os insurretos na Paraíba. Destacando-se novamente o nome de Poti. Apesar de Nieuhof ter enfatizado bastante o papel do governador Paulus de Linge, através das várias cartas que ele citou.

Infelizmente essa documentação de Linge, que foi até citada por historiadores como Varnhagen, Wätjen, Netscher e Boxer, segue desco-

nhecida, apenas algumas poucas cartas foram consultadas por esses historiadores. Mas o restante reside em algum arquivo holandês. Uma correspondência importante que valeria muito a pena em ser conferida, para conhecer a seleção feita por Nieuhof e os não ditos por ele realizados. Além dessa documentação de Linge, também se incluíam documentos de outras autoridades da Companhia, como os dos conselheiros Pieter Bas e Matheus van Goch, os quais poderiam conter informações a mais sobre a Paraíba.

Outras considerações que devem ser feitas, dizem respeito aos conflitos ocorridos na Paraíba. Em geral, as batalhas em Pernambuco são as mais memoráveis, por sua vez, os massacres no Rio Grande do Norte, são os mais recordados. No intuito de reflexão, tivemos a Batalha do Inobim (11 de setembro de 1645), a batalha não identificada, citada por Nieuhof, a qual teria ocorrido no mesmo dia da anterior, e o ataque à fazenda de Eduardo Gomes da Silva (11 de novembro de 1645?), citado por Moreau. Depois tivemos o relato do Massacre do Engenho Santiago Maior (12 de novembro de 1645?), em que várias pessoas foram assassinadas, incluindo o dono do engenho e um de seus filhos.

No ano de 1646 tivemos a Batalha de Jacuípe (22 de janeiro?), aldeia indígena potiguara, hoje inexistente, que serviu de base para Pedro Poti e missões calvinistas. O conflito ocorreu em fins de janeiro, em que os portugueses cercaram a aldeia aliada dos holandeses. Posteriormente tivemos um conflito no Varadouro, zona portuária da cidade de Frederica, outro território importante, pois ali era o único porto daquela capitania, os demais eram ancoradouros. Controlar o Varadouro significava interceptar o despacho das caixas de açúcar e outras mercadorias, além de dificultar que navios holandeses ali atracassem para invadir a cidade.

No entanto, após o conflito no Varadouro, ocorreu no dia seguinte a Batalha da Guia (antes de 11 de março de 1646), próxima à igreja homônima, não tão distante do Forte de Santo Antônio, cuja estrutura era menos fortificada, protegida e munida de homens e canhões do que o

Forte Margarida⁸². Após a Batalha da Guia não ocorreram outras batalhas e massacres no ano de 1646, pelo menos, não foram identificadas com base nas fontes analisadas. No entanto teve a evacuação de parte da população para Pernambuco, fosse aliada da coroa ou da WIC, além de ataques a fazendas. Por conta disso, vários engenhos em 1646 foram depredados, saqueados, incendiados e abandonados.

E no ano de 1647, tivemos o relato de novo massacre ocorrido próximo ao Arraial de Santo André (em 10 ou 11 de janeiro). Posteriormente, Rafael de Jesus e Pierre Moreau citaram a pequena batalha naval do dia 6 de maio, que resultou na captura do general Francisco Barreto de Meneses pelo almirante Joost van Trappen Banckert.

Embora tenhamos encontrados relatos de algumas batalhas, no entanto, por conta de suas lacônicas descrições, isso inviabiliza uma análise de sua estratégia. Em geral, os cronistas focaram em fornecer a quantidade de combatentes e informar quem venceu e perdeu. Condição essa que até a localização desses conflitos é incerta em alguns relatos. Por esse motivo decidimos não fazer uma análise desses conflitos.

Por essa síntese histórica observa-se que, embora as batalhas e os massacres na Paraíba não tenham ganhado visibilidade em seu tempo, esses foram conflitos importantes para se assegurar territórios essenciais. O que resultou na condição de que os holandeses ficaram restritos aos fortes e algumas poucas aldeias aliadas, apesar de terem conseguido manter essas posições até 1654.

Texto apresentado em março de 2021. Aprovado para publicação em junho de 2021

82 – De acordo com os dados apresentados por Nieuhof, o Forte de Santo Antônio somente possuía seis canhões, enquanto o Forte Margarida dispunha de trinta e oito peças de artilharia. E até mesmo o reduto da Restinga, situado na ilha fluvial homônima, tinha seus nove canhões. NIEUHOF, Johan, *op. cit.*, p. 277.